



nara roesler

FRIEZE LONDON 2025

setor curado
estande S01

preview

quarta-feira

15 de outubro

11–17h

aberto ao público

16–19 de outubro

the regent's park,
marylebone green
londres

FRIEZE LONDON 2025

Na Frieze London 2025, Alberto Pitta participa de *Echoes in the Present*. Esta seção, curada por Jareh Das, explora as conexões entre artistas do Brasil, da África e de suas diásporas. Enraizados em histórias compartilhadas, seus vínculos são marcados pelo deslocamento forçado de povos africanos através do Atlântico e sustentados por meio do contínuo intercâmbio cultural.

A mostra de Pitta apresenta novas obras da série *Mariwô*, desenvolvidas especialmente para a ocasião. *Màriwó* (*Elaeis guineensis*) é a folha da palmeira-dendê, árvore sagrada no Candomblé, religião na qual Pitta foi criado. Cada ramo da planta é cuidadosamente desfiado e pendurado nas portas e janelas dos terreiros e casas de santo, para afastar o mal e proteger a energia desses espaços para rituais das religiões afro-brasileiras. A trajetória visual de Pitta é marcada por um interesse singular nas culturas afro-brasileiras, na espiritualidade e na experimentação gráfica. Com uma prática que se estende por mais de quatro décadas, seu trabalho permanece indissociavelmente ligado à sua história pessoal. Filho da lalorixá Mãe Santinha de Oyá, foi introduzido desde cedo à religião de sua mãe e

às suas ricas tradições têxteis. Inicialmente, esse legado se manifesta nos intrincados bordados richelieu do artista. Desde a década de 1980, ele também desenvolve serigrafias padronizadas para o Carnaval, conferindo significado espiritual e cerimonial às festividades.

Seus estandartes evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, especialmente aqueles provenientes da mitologia iorubá. Nas palavras do curador Renato Menezes: *“De fato, signos, formas e vestígios que evocam linguagens gráficas tradicionais africanas encontraram, em seus tecidos, um lugar privilegiado para a educação das massas e a contação de histórias que só fazem sentido coletivamente. Se a escrita, na obra de Pitta, se estabelece por meio de padrões e cores que reinterpretem a cosmovisão iorubá, a leitura, por outro lado, surge das relações estabelecidas através do contato de corpos em movimento, quando as ruas da cidade se tornam um terreiro. Pelas dobras dos tecidos que vestem os foliões corre um alfabeto de letras e afetos, ativado pela música e pela dança: é no corpo do outro que se lê o texto que nos completa.”*

Além de sua apresentação no estande da Nara Roesler em *Echoes in the Present*, Pitta apresenta uma seleção de mais de uma dezena de tecidos históricos de Carnaval, suspensos ao longo dos corredores da seção curada por Jareh Das.



vista da exposição
Joie Collective – Apprendre a flamboyer,
Palais de Tokyo, Paris, França (2025)



vista da exposição
24th Biental Sidney, Sidney, Australia (2024)

Casa de Oxumarê é uma das obras centrais apresentadas por Alberto Pitta na Frieze London. Com dois metros e meio de comprimento, esta pintura em serigrafia revisita uma colagem anterior do artista, agora recriada em escala monumental.

Oxumarê, o orixá serpente, frequentemente manifestado como arco-íris, é a divindade que conecta o céu e a terra por meio da água da chuva. Na obra, a serpente aparece de forma sutil através da serigrafia, enquanto a intensidade das cores vibrantes e das formas geométricas incorpora sua presença, evocando o arco-íris como corpo sagrado.

Alberto Pitta
Casa de Oxumarê, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
164 x 240,5 x 3,5 cm







A tela é então povoada por estrelas e uma lua, elementos que expandem a dimensão cósmica da narrativa visual. Entre eles surgem búzios, elementos recorrentes na iconografia de Pitta, que aqui também podem ser lidos como escamas da serpente, reforçando o simbolismo do orixá e criando camadas de significado entre o sagrado, o natural e o mítico.

No centro da composição ergue-se a casa, o ilê, o terreiro, espaço de culto, de encontro e de ancestralidade. Este terreiro em particular é dedicado a Oxumarê. À sua frente aparece a imagem de um tigre, ser mítico extraído do repertório simbólico do artista que, junto às cores da pintura, aos elementos geométricos e aos búzios, compõe uma cena que pode ser lida tanto como fabulação pessoal quanto como memória coletiva das cosmologias afro-brasileiras.



Festa de Oxum recria a atmosfera festiva dos terreiros, especialmente adornados em homenagem ao orixá celebrado em cada noite. A obra presta homenagem a Oxum, orixá das águas doces, da fertilidade e da beleza, guardiã dos búzios e do sistema divinatório *erindilogun*. Ela é representada como uma grande ave, que carrega em seu interior um *opon Ifá*, símbolo do poder do oráculo e da invocação.

Festa de Oxum, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
195 x 164,5 x 3,5 cm



Peixes, abebés (espelhos circulares metálicos associados a Oxum), cabaças, bandeiras e rendas povoam a tela, símbolos que evocam tanto a abundância quanto a ornamentação festiva. O *mariwô*, a folha de palmeira que protege casas e pessoas, aparece aqui como elemento central, folha, tecido, vestimenta, articulando espiritualidade e estética, ritual e invenção visual.





No centro da composição, a cadeira da ialorixá afirma a dimensão do matriarcado e da liderança espiritual no terreiro. Mais do que um símbolo coletivo, refere-se à mãe de Alberto Pitta, uma ialorixá que, embora não fosse filha de Oxum, também cultuava a divindade.

Por meio das técnicas sobrepostas da serigrafia, a obra percorre uma linha tênue entre os mundos terreno e espiritual. Nessa fusão de planos, pintura e estampa se entrelaçam, transformando a celebração em imagem e a imagem em ritual.

Festa de Ogum celebra a energia ritual do terreiro, aproximando o espectador da dimensão festiva da divindade. Esta celebração homenageia o orixá da guerra e do ferro, Ogum, representado aqui por meio de uma máscara africana azul, evocando as cosmologias afro-brasileiras e a ancestralidade de seu culto.

Diversos *mariwôs* surgem em tonalidades que oscilam entre o antigo e o novo, criando camadas visuais que articulam tradição e inovação. A presença da cadeira, agora em branco, produz uma sobreposição branco sobre branco, reforçando a dimensão ritual e simbólica da liderança espiritual.

Festa de Ogum, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
195 x 164 x 3,5 cm



O espaço é adornado com guirlandas, evocando a festividade e a ornamentação do terreiro, ressaltando a vitalidade do culto a Ogum. A obra transforma cores, formas e símbolos em uma narrativa visual que dialoga com a tradição e com a experiência coletiva da celebração. As técnicas sobrepostas de pintura e serigrafia enfatizam ainda mais a tensão entre o terreno e o espiritual.

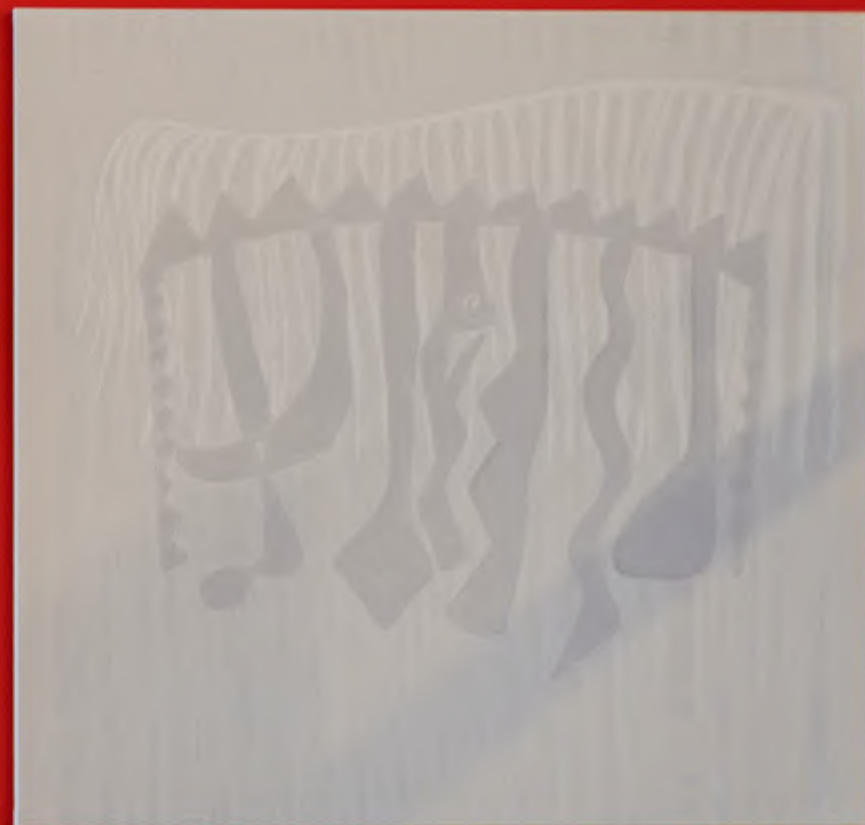


Alberto Pitta
Mariwô, 2025

aço corten
edição de 3 + 1 PA
40 x 96,5 x 3,5 cm







36th Bienal de São Paulo:
*Nem todo viandante anda estradas –
Da humanidade como prática*

A apresentação também inclui *Ave com búzios* (1987), um desenho histórico por meio do qual se pode perceber o processo gráfico do artista, posteriormente traduzido em suas estampas.



Ave com búzios, 1987
caneta hidrográfica e
colagem sobre papel
31,5 x 44 cm

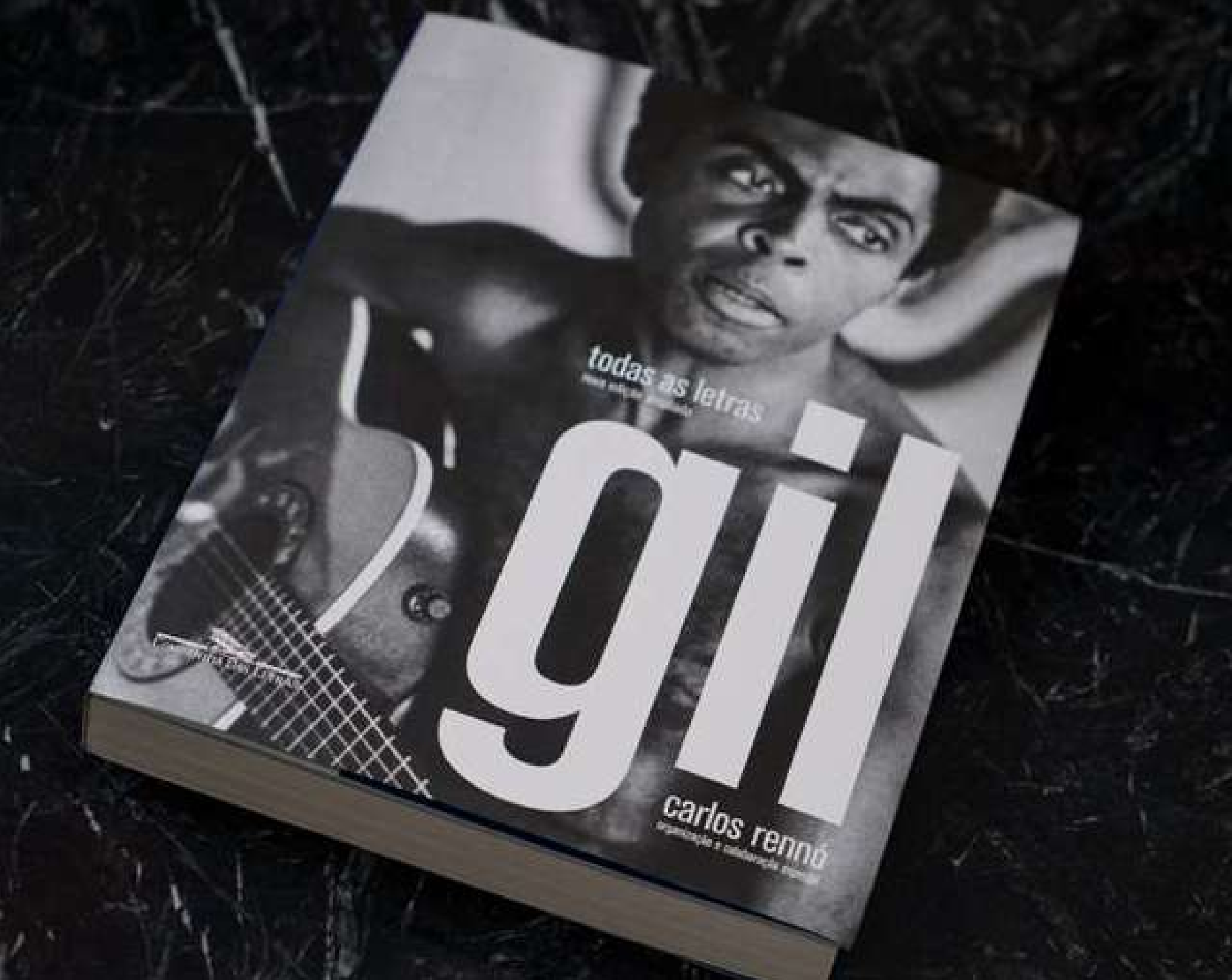


Outra obra que integra a apresentação é *Futurível* (2021), que faz parte de uma série de ilustrações originais criadas especialmente para o livro *Todas as Letras – Gil*, inteiramente dedicado à obra do músico. Com organização de Carlos Rennó, ilustrações inéditas de Alberto Pitta e textos de Arnaldo Antunes e José Miguel Wisnik, a terceira edição da publicação reúne todas as canções compostas por Gilberto Gil.



Futurível, 2021
impressão sobre papel
40,5 x 29,7 cm





Livro *Todas as Letras* – Gil

Alberto Pitta



Alberto Pitta is best known for the prints he has designed and produced for Salvador's Carnival for over 40 years. As the founder of the Cortejo Afro group, he has remained deeply committed—both socially and artistically—to Afro-diasporic traditions. Yet only in recent years has he begun to establish a more consistent presence within the wider visual arts circuit. No single book could fully capture the breadth of his long and rich career; this volume serves as a starting point, bringing together recent works and historical pieces alongside texts by Vik Muniz and Galiciani Neves, as well as an interview with the artist conducted by Jareh Das.

Alberto Pitta é conhecido pelas estampas concebidas e realizadas para blocos afro do Carnaval de Salvador há mais de quarenta anos. Fundou o bloco Cortejo Afro e tem um forte engajamento social e artístico em torno das tradições afro-diaspóricas. Mas foi nos últimos anos que sistematizou sua inserção no circuito das artes visuais. Um pequeno livro jamais daria conta de sua longa trajetória. Por isso, este volume é apenas um ponto de partida que reúne sua produção recente e algumas obras históricas, além de textos de Vik Muniz e Galiciani Neves e uma entrevista com o artista por Jareh Das.



nara roesler | books



alberto pitta
n. 1961, Salvador, Brasil
vive e trabalha em Salvador, Brasil

O artista Alberto Pitta tem como elemento central de seu trabalho a estamparia têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, a produção de Pitta é muito ligada a festividades populares e em diálogo outras linguagens, como a indumentária, seu trabalho tem uma forte dimensão pública, tendo sido o autor de estamparias presentes em blocos afro do carnaval como o Olodum, Filhos de Gandhy e o seu próprio, o Cortejo Afro.

Sua produção de estamparias teve início na década de 1980. As mesmas apresentam signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, em especial os oriundos da mitologia lorubá, muito presente em Salvador e no recôncavo baiano. Nas palavras do curador Renato Menezes: “De fato, signos, formas e traços que evocam grafismos tradicionais africanos encontraram, sobre seus tecidos, um lugar privilegiado de educação das massas e de contação de histórias que só fazem sentido coletivamente. Se a escrita, na obra de Pitta, se organiza no conjunto de padrões e cores que reinterpretem a cosmovisão yorubá, a leitura, por outro lado, diz respeito à relação estabelecida no contato entre corpos em movimento, quando as ruas da cidade viram terreiro. Pelas dobras dos tecidos que cobrem os foliões percorre um alfabeto de letras e afetos, mobilizados pela música e pela dança: é no corpo do outro que se lê o texto que nos completa”.

exposições individuais selecionadas

- *Outros Carnavais*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Mariwó*, Paulo Darzé Galeria, Salvador, Brasil (2023)
- *Eternidade Soterrada*, Carmo & Johnson Projects, São Paulo, Brasil (2022)
- *Homens de Ferro*, Galeria Solar do Ferrão, Salvador, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- 36ª Bienal de São Paulo (2025)
- *Joie Collective – Apprendre a flamboyer*, Palais de Tokyo, Paris, França (2025)
- *Artistas do Vestir: Uma Costura dos Afetos*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2024)
- *24ª Bienal de Sidney*, Sidney, Austrália (2024)
- *O Quilombismo*, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha (2023)
- *Political Philosophies*, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha (2023)
- *Encruzilhada*, Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA
- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil
- Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil

voltar aos trabalhos do artista ↑

nara roesler

são paulo

av europa, 655

jardim europa, 01449-001

são paulo, sp, brasil

t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241

ippanema, 22421-030

rio de janeiro, rj, brasil

t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street

new york, 10011 ny

usa

t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art